

# **NA PRESSÃO**

***Berimbau blues, a sinfonia do quintal.***

*Cadê o quintal do Paraíso que tava aqui?*

Peça em Dois Atos

De ***Luis Carlos Ribeiro dos Santos***

(dito Luiz Carlos Laranjeiras)

*Ao meu filho Thiago “Mairum” Arruda Ribeiro dos Santos,  
por me ensinar todo dia a olhar com espanto e curiosidade  
as coisas visíveis e ocultas do grande livro do mundo.*

## PERSONAGENS

**MIRO LÍRIO** – violeiro.

**MATEUS \*** – menino e jovem.

**MÃE**

**PAI**

**ANDRÉ \*** – menino e jovem.

**CONDE DA BOA SORTE** – seresteiro.

**MÁQUINA\*** – personagem-objeto.

**HOMEM 1** – engenheiro.

**HOMEM 2** – operário.

**HOMEM 3** – operário.

**RENATA \***

**MARCOS \***

**ROSANA \***

**MÚSICOS \***

Quarteto de Cordas: violino, viola, violoncelo, contrabaixo; baixo e guitarra elétrica;

Metais: oboé, saxofone tenor, clarinete e flauta (madeiras); trombone, trompete e tuba (metais);

Percussão: tímpano, vibrafone, pratos, bateria, pandeiro e percussão em geral.

*\* Os **MÚSICOS**, vestidos de preto e branco, ficam num tablado na lateral do palco, onde executam as músicas e realizam as intervenções sonoras na tessitura da intriga. Os “acentos musicais” indicados nas rubricas são “comentários” sonoros, interferências musicais, cômicas e/ou dramáticas, da orquestra numa ação, diálogo ou situação da trama. As músicas são cantadas pelos atores e atrizes e os membros da orquestra, sem microfone. Os únicos instrumentos eletrificados são as guitarras, o baixo e o teclado.*

*\* Na impossibilidade de ter uma orquestra tocando ao vivo, como indicado no quadro de personagens, pode ser montado um regional e/ou uma orquestra compacta, com um instrumento de cada setor. Outra possibilidade é usar trilha sonora gravada, com recursos tecnológicos de mixagem e edição de sons, para inserções e intervenções pontuais das músicas de orquestra gravadas. O autor entende que a música executada ao vivo, seja com a formação original da orquestra e/ou com o regional, a orquestra compacta, é a forma mais adequada para a realização do espetáculo em toda a sua plenitude dramática e musical, além de ser a maneira apropriada para o cumprimento dos propósitos artísticos educativos contidos na peça, de estimular e fomentar o gosto das crianças e jovens pela música.*

*\* Os personagens **MATEUS**, **ANDRÉ**, **RENATA**, **ROSANA** e **MARCOS**, componentes de uma banda, são feitos por atores e atrizes com aptidões musicais para tocar e cantar.*

*\* A **MÁQUINA** é um personagem grande, em forma de trator e/ou escavadeira, manipulado por vários atores e feito de ferro, arame, pano, madeira e papelão; personagem-objeto com vários efeitos e movimentos, em tons de prata, detalhes dourados, luzes e aparência reluzente, grandiosa e assustadora, que solta fumaça pelas ventas.*

*No 2º ATO, a paisagem da cidade vista do alto, da janela do quarto no apartamento de Mateus, pode ser um telão com os prédios pintados ou uma fotografia ampliada da paisagem, vista do alto.*

*\* Também no 2º ATO são projetadas numa tela branca as imagens gravadas do programa Ensaio, da TV Cultura/SP, com Elis Regina cantando Águas de Março; programa em preto e branco.*

## MÚSICAS \*

**MANHÃ TROPICAL** – cururu, moda de viola; “sinfonia caipira”, vocal e instrumental.

**PERALTA** – chorinho, instrumental.

**SINFONIA DO QUINTAL** – intervenções sonoras, instrumental.

**ÁGUA, TERRA, FOGO E AR** – samba, instrumental.

**ORDEM E PROGRESSO** – dobrado militar, música marcial; vocal e instrumental.

**MORENA** – xote, cantado e instrumental.

**ROLO COMPRESSOR** – *rock* pesado progressivo, instrumental.

**EM OBRAS** – “sinfonia urbana”, com sons da cidade, instrumental.

**DESARMONIA** – música eletrônica, instrumental.

**UMA PALAVRA** – canção romântica, vocal e instrumental.

**CIÚME** – samba, bossa nova, vocal e instrumental.

**RABO DE SAIA** – baião, vocal e instrumental.

**BERIMBAU BLUES** – *blues* com berimbau, gaita e guitarra, instrumental.

**NA PRESSÃO** – maxixe, instrumental.

**DECISÃO** – samba-de-roda, com variações, vocal e instrumental.

**INVASÃO** – maracatu, vocal e instrumental.

*\* Letras e músicas do autor.*

## 1º ATO

### QUADRO I

*As luzes abrem alegres no quintal, num dia esplendoroso de uma manhã tropical, com lençóis e roupas estendidas em dois varais de bambu. No fundo, um muro alto de tijolos aparentes. Espalhados pelo quintal, bacias, canecas e tinas com água, pneus, barris, tonéis e tambores de metal, tubos de PVC e metal, caixotes, panelas, frigideiras, talheres, raladores, pratos de metal e vidro, latas e garrafas de vários tipos, madeiras, bambus, mangueiras, celofane, folhas verdes, etc.. Encostado num caixote, um violão escuro e velho. Sons de pássaros. Entra o violeiro MIRO LÍRIO tocando o cururu MANHÃ TROPICAL, moda de viola. A orquestra executa a música como uma “sinfonia caipira”.*

MIRO LÍRIO (*canta*) – Vô-le contá um causo sucedido, (*eu sou Miro Lírio li*)

Um assunto acontecido. (*sou Miro Lírio lá*) (*bis*)

Ma num vô-le contá uma fita,

Vô-le contá um fato.

Não é bravata, é uma feita.

Vô-le contá no ato. (*bis*)

Vô fincá minha bandeira, (*eu sou Miro Lírio li*)

Vô abrir meu coração (*sou Miro Lírio lá*)

Na manhã tropicá.

Vai começá a brincadera

Du minino, u violão i u quintá. (*bis*)

*(fala quase canto; a orquestra continua, baixinho)* – Mirio Lírio da Viola vai contar um caso tirado do fundo da memória. Era uma vez um menino, um dom, o destino e o futuro. No começo do mundo, um som... (*acento musical*) Um dia, no muro.... A bola...

*Sons de vidraças quebradas. Cai uma bola no quintal, a música pára e o violeiro sai. As mãos e o rosto de um menino aparecem atrás do muro. Começa o chorinho PERALTA, instrumental. Um foco abre no menino atrás do muro e outro foco no violão. Lentamente, em movimentos sincronizados com a música, ele salta do muro e se aproxima do violão.*

MATEUS – Um violão! Tá escrito... O quê? (*lê, com dificuldade*) A vi... Da... Sem a... Mu... Música. Se... Ria um... Erro. O res... To... É si... Lencio. A vida sem a música seria um erro... O resto é silêncio. (*pausa; olha a bola e o violão; o chorinho pára; pega o violão*) – Tá quieto há quanto tempo? (*num sobressalto*) Aqui é a casa do cachorro louco? Do bicho que baba e come gente? (*volta o chorinho; olha em volta*) É a casa do Conde da Boa Morte! O homem da capa preta! (*põe o violão no caixote*) Dizem que dorme no caixão e bebe chá com sangue e lágrimas de criança... (*calafrio*)

*Mateus tira sons dos objetos e os instrumentos da orquestra repetem o som, na música SINFONIA DO QUINTAL. O chorinho some. Encosta a corda do varal no ouvido e ouve o som de um contrabaixo. Sopra os tubos de plástico e metal, as garrafas e tira sons de flautas. Pega uma folha verde, põe na boca e faz sons de trombone, tuba e trompete. O mesmo faz com o celofane e um pente. Deita o violão e com uma baqueta de bambu e outra de metal, encosta nas cordas e faz sons de violinos, violas e violoncelos. Depois de tocar os objetos, ouve-se um barulho de porta batendo. Silêncio e tensão do menino, que pega a bola e se esconde entre os lençóis. Entra um homem vestido de branco.*

HOMEM (*alto*) – Tem alguém aí? (*procura e vê o menino*) O que faz aí, guri?

MATEUS (*assustado*) – Só vim pegar a bola, seu Conde da Boa Morte, e aí... O violão...

HOMEM – Eu não sou Boa Morte. É Conde da Boa Sorte. Você fala daquele violão velho?

MATEUS – Isso mesmo... Mas não é Conde da Boa Morte?

HOMEM (*sério*) – Boa Morte era o meu pai, que fazia serenata nesse violão pras viúvas, por isso Boa Morte. Sou Conde da Boa Sorte, primo do Marquês do Bonsucesso,

que faz serestas pra apaziguar os casais. Eu fazia serenata pros novos amores, novas conquistas, daí Boa Sorte. *(muda de tom)* É você que quebra as vidraças?

MATEUS *(sem jeito)* – Não... Fazia serenata?

HOMEM – Deixei as serestas. O amor se perdeu. *(pios de pássaros)* É tico-tico? *(riso de criança; batida de coração)* Alguém? O som é a vida, o amor... O resto é silêncio.

MATEUS *(sorri)* – Ah, é isso que tá escrito no violão...

*O homem pega o violão, senta no caixote e toca o samba ÁGUA, TERRA, FOGO E AR, primeiro, sozinho, depois, com a orquestra. A música faz referências aos elementos da natureza presentes no quintal; num momento a música é água, em outros, é terra, fogo e ar. Mateus toca os objetos, acompanhando o homem e a orquestra. Os dois dialogam através dos sons. A música cresce. O homem deixa o violão no caixote e some entre os lençóis. Sem perceber a saída dele, o menino brinca com os sons. O dia começa a escurecer. A luz fecha, lentamente, junto com a saída dos instrumentos. Mateus continua tocando o samba, agora sozinho. Ouve-se um assobio forte e uma voz de mulher, de longe.*

MÃE *(alto)* – Vem tomar banho, Mateus! Seu pai chegou! *(outro assobio forte do pai)*

PAI *(grita)* – Vamos logo, moleque! Comprou o açúcar e o sal pra sua mãe? *(assobia)*

MATEUS – Ih, esqueci do tempo... Tenho que voltar pra casa. *(procura)* Cadê o homem do violão, o Conde da Boa Sorte? *(agitado)* Não passei na venda... As moedas...

*Procura as moedas no bolso e não encontra. Volta o chorinho PERALTA. Ele pega a bola, pula o muro e sai, com movimentos na pulsação do chorinho. A luz cai em trevas no quintal. A música continua, instrumental, e faz a passagem para o próximo quadro.*

---

FIM DO 1<sup>o</sup> QUADRO – 1<sup>o</sup> ATO.

## QUADRO 2

*Amanhecer nublado e cinzento, no mesmo quintal. O chorinho some e ouvem-se 3 apitos longos de fábrica. Começa ORDEM E PROGRESSO, música marcial, dobrado militar, tocado de forma lenta, com sons de britadeiras, buzinas, derrapagens, vozes, sirenes, carros, caminhões e ônibus, feitos pelos instrumentos da orquestra. Os músicos cantam.*

Bate estaca,  
O apito da fábrica  
É hora do batente  
Da produção!  
Roda a catraca,  
Levanta a placa,  
Abra o expediente  
E bata o cartão! (bis)

*Aparecem no alto do muro, um caminhão, um ônibus, um carro e uma motocicleta de brinquedo, de madeira, animados por Mateus e André, atrás do muro. Somente as mãos e os brinquedos são vistos. Os dois brincam e fazem com a boca sons de buzinas, motores e freadas. Os movimentos são lentos e eles simulam uma situação do trânsito. A música continua, instrumental, baixinho, e pontua as ações dos meninos com os brinquedos.*

MATEUS *(com um caminhão e um ônibus em cada mão)* – Brrum! Brrrum! *(freada; alto)* É  
    contramão! Não enxerga por onde anda? Aqui é mão única!

ANDRÉ *(com um carro e uma moto)* – Não dá pra ver a placa! Você é grande, mas não é  
    dois e nem é o dono da rua! Eu não vi a placa e você tava correndo muito!

MATEUS – Faz exame de vista! Se não der marcha-ré, vou invadir a rua! Biiibiiibiii! Vrum!

ANDRÉ *(tentando acalmar)* – Não pode fazer isso! Vai causar um desastre!

MATEUS – Então sai de marcha-ré e pronto! Vrrrruuuuuuummmmm!



ANDRÉ – Não dá pra sair! O trânsito encalacrou! (*buzinas*) Olha a confusão que você fez!

MATEUS – Tá na contramão e eu que sou culpado da confusão? Vai ver só! Vrru, Vrrum!

*Em movimentos lentos e sincronizados, os dois simulam um acidente. A música pontua a situação. Os brinquedos batem e o carro e o caminhão caem no quintal. Os rostos dos meninos aparecem atrás do muro e a música some, de forma caótica e estridente.*

MATEUS – Ih, o carro e o caminhão caíram no abismo. (*maravilhado*) O quintal do violão!

Acabou a brincadeira de carrinho. Vai começar outra brincadeira.

ANDRÉ – Como assim acabou? E os feridos? Vamos lá salvar os feridos... Vão morrer...

MATEUS – Vamos pular o muro. Vem logo!

*Os dois deixam os brinquedos em cima do muro e pulam. André pega rápido o carro e o caminhão e põe no muro. Mateus tira sons dos objetos do quintal. Vê o violão.*

MATEUS (*sorrindo*) – Olha o que tá escrito... O resto é silêncio. (*pega o violão e toca o xote MORENA, sozinho e, a partir do bis do primeiro verso, com a orquestra*)

Vem moreninha, vem cá.

Cair no xote, fulorinda,

Que tá cada vez mais linda

E brilha como o luar! (*bis*)

Se você não vem, moreninha, eu vou lá,

Perto da minha morena eu quero ficar

Mas não brinque com o meu coração,

Minha flor, minha pequena,

Senão eu fico louco e solto nesse mundão,

Sem seu amor e sem casa pra morar. (*bis*)

Doce é o mel, doce é a cana,

Mais doce é a sua voz

Quando diz que me ama. *(bis)*

*Ouvem-se barulhos de tratores. O muro treme e os brinquedos caem no quintal. A música pára e os meninos se escondem. Entram 3 homens com capacetes de obras: um de paletó, gravata e uma prancheta, e dois de macacão, com marretas e ferramentas em dois carrinhos de mão. Os homens medem o terreno e batem com a marreta nos objetos.*

HOMEM 1 *(de paletó; grita)* – Vocês aí! Lasca a marreta em tudo. Joga na caçamba o entulho do quintal. *(fumaça na coxia)* Entra a máquina escavadeira!

*Começa ROLO COMPRESSOR, rock pesado progressivo, e entra a MÁQUINA, um trator escavadeira, que solta fumaça quando é falada a palavra “quintal”. Os meninos olham.*

HOMEM 2 *(alto, para a máquina)* – Vem pela direita! *(a música continua, pulsando)*

HOMEM 1 – Agora vocês dois derrubem, quebrem e limpem tudo como foi combinado.

HOMEM 2 – Pode deixar, doutor! É com a gente mesmo.

HOMEM 3 – À noite o quintal... *(a máquina solta fumaça)* Vai ficar como o doutor quer.

HOMEM 1 – No fim do dia. O prazo da obra deve ser cumprido. *(aos meninos)* E vocês dois aí? Acabou a brincadeira. Vão pra casa que tudo isso aqui vai virar entulho.

MATEUS *(assustado)* – O que vão fazer com o quintal? *(a máquina solta fumaça)*

HOMEM 1 – Aqui não vai ter mais quintal. *(mais fumaça)* Será um estacionamento vertical, com 4 andares, para 500 carros. Sou o engenheiro, Dr. Armando Pilares, e hoje começa a obra. Os quintais... *(fumaça)* Do Paraíso serão destruídos, terraplanados e depois cimentados e asfaltados. Onde vocês moram?

MATEUS – Aqui mesmo no bairro do Paraíso, no fim da rua. Já falou com o dono?

HOMEM 1 – Só faltava depositar a indenização. A área vai ser demolida e a obra vai incrementar a economia do Paraíso e adjacências. Todas as casas da rua estão no

traçado do plano piloto da construção. Se não for esse ano, a demolição dos quintais... *(mais fumaça)* Do Paraíso será no ano que vem.

MATEUS – Vamos brincar onde? Crescemos no quintal. *(fumaça da máquina)* Vamos embora! *(um dos homens levanta a marreta pra destruir o violão; a música cresce; grita)* Não! O violão não! *(o homem pára com a marreta no ar e a música pára no mesmo instante; Mateus pega o violão, os brinquedos e pula o muro com André)*

HOMEM 1 *(alto)* – Passa a máquina no quintal! *(fumaça da máquina)* Derruba o muro!

*Começa EM OBRAS, composição com sons de construção e demolição: maçaricos, britadeiras, furadeiras, esmeril, serrote, serra elétrica, etc., misturados com baixo e guitarras pesadas. A máquina destrói tudo no quintal. Os 2 homens, em movimentos lentos e marcados, derrubam o muro. Uma cortina de fumaça invade o palco e os sons das máquinas têm ritmo e vibração. Os homens fazem a mudança de cenário, levam os objetos do quintal em carrinhos de mão e trazem os outros objetos do novo ambiente. A luz vai e volta. Os homens e a máquina saem. A música continua e faz a passagem para o próximo ato.*

---

FIM DO 2<sup>o</sup> QUADRO – 1<sup>o</sup> ATO

## 2º ATO

### QUADRO 1

*Oito anos depois. A luz abre num apartamento, no quarto de Mateus, agora com 18 anos, com livros empilhados numa mesa, cadeiras, um teclado, guitarras, bateria, atabaques, caixas de som e, num canto, o mesmo violão do quintal. No fundo, uma grande janela com a paisagem da cidade vista do alto do prédio. A música EM OBRAS continua.*

MATEUS *(vai até a janela; aponta)* – Cadê o quintal que tava ali? *(acento musical)*

*Fecha a janela e a música cessa bruscamente no mesmo momento. Senta diante do teclado e toca DESARMONIA, música eletrônica, com a orquestra. A música cresce e continua. Ele pára de tocar, levanta e anda de um lado ao outro.*

MATEUS *(impaciente)* – Que sons artificiais... Minhas mãos... *(aflição; a música pára, desarmônica; num sobressalto)* Ih, caramba, uma produtora vem conhecer a banda hoje no ensaio. Como vou falar isso? Não quero criar ilusão. E o repertório? Que caminho seguir? Se pudesse com a música mudar um tantinho assim na vida das pessoas... É isso que vou dizer. Gosto de cantar o amor, as pessoas gostam. Mas a vida é só falar de amor? *(olha o violão)* Você, violão, gosta que eu fale de amor, que não fique em silêncio, não é? *(pega o violão, senta e toca UMA PALAVRA)*

Espero até o fim do mundo,

Não tenho mais tempo a perder.

A essência do meu desejo intenso é apenas a sombra de um sonho

E o meu sonho é hoje te ver. *(bis)*

*(refrão)* – Quem tem vida e amor sempre espera.

Por isso eu fico a te esperar.

Não sei se é realidade ou se é quimera.

Canto pra dizer que viver é te amar. *(bis)*

Sua demora em dizer sim é uma recusa?

Ou é o seu jeito tímido de me querer?

Mas você quando quer me beija e me usa,

Entre nós as coisas devem ser o que podem ser?

Não sei mais viver sem a poesia,

Nem sei mais onde tenho um amigo.

Volta logo, minha estrela guia,

A vida é um erro se não tenho você comigo. *(refrão)*

Mesmo que eu seja somente um poeta sem jeito,

Você quer o mundo e o mundo é uma palavra, simplesmente.

De que vale tudo isso se onde não há prazer não há proveito.

Eu te darei o céu se você me quiser totalmente.

*Entram ANDRÉ, MARCOS, RENATA E ROSANA, 17 anos, com cadernos, mochilas e capas e estojos com instrumentos musicais. Mateus canta sem perceber a chegada deles.*

Se falo de amor a qualquer hora até ficar rouco,

De noite ou de dia, eu falo sempre o que penso.

Dou meus ouvidos a todos, mas a voz dou a poucos:

Você é música, dança e harmonia e o resto é silêncio. *(canta o refrão)*

*(aplaudem e se espalham pelo quarto; Mateus pára de cantar)*

MATEUS *(assustado)* – Ih, chegaram? Tão aí há muito tempo? *(dá um beijo em Renata)*

RENATA *(olha nos olhos dele)* – Você tocando é encantado. Saem estrelinhas dos dedos.

ROSANA – Divino! Você é mesmo um cara encantado quando toca esse violãozinho.

MARCOS – Saiu agora, meu? Ô mano inspirado! E aí, seus coroaas viajaram de novo?

ANDRÉ – Já é o toque final, cara?

MATEUS – Não sei.... Vão ficar no Rio uns dez dias. Olha, tenho uma coisa importante...

ANDRÉ (*interrompe*) – É mesmo? Ô encantado, que onda é essa de.... Como é mesmo a frase? Ah, lembrei. Você é música, dança e harmonia e o resto é silêncio. Muito bom isso, Mateus. (*num sobressalto*) Opa, é a frase do violão!

MATEUS – É aquela frase nesse violão do quintal do Paraíso, André. Lembra? Descobri que “o resto é silêncio” é do Shakespeare, acho que do Hamlet. E aí eu peguei pra brincar no violão e deu no esboço que vocês ouviram. Tô mexendo ainda. Tá legal?

MARCOS – Legal? Legal é pouco. Tá do caramba! Tem refrão o bagulho aí?

MATEUS – Tem e é assim. (*toca e canta*) – Quem tem vida e amor sempre espera,

Por isso eu fico a te esperar.

Não sei se é realidade ou quimera

Canto pra dizer que viver é te amar.

MARCOS (*vibra*) – Dá pra colocar um solo nisso, meu! Esse refrão cola na orelha.

ANDRÉ – Que letra inspirada, cara! Pra quem foi? É pra Mariana que faz Jornalismo na ECA? (*Renata se incomoda; André continua e instiga o ciúme*) Que morena linda!

MATEUS – Pára de querer adivinhar pra quem são as músicas. (*olha Renata, sem jeito*)

ROSANA – Quem ama sempre espera.... Que idéia divina maravilhosa, Mateus!

MATEUS – Não é isso que acontece? (*põe o violão num canto*) Agora é sério, gente, eu...

ANDRÉ (*interrompe*) – Pera aí, Mateus, dá um tempo! Queria saber falar de amor assim.

Fiz uma coisa ontem... (*senta e toca CIÚME, bossa nova, no teclado; olha Renata*)

Pra que ficar tão sumida de mim,

Tão difícil assim?

Faz que não me vê na rua,

Por que me olha tão tímida?

Essa canção é sua,  
A flor morena mais linda,  
A lua morena lua. *(bis)*

ANDRÉ *(canta o bis e pára; sem jeito)* – Ainda não acabei e é só um trecho.

ROSANA – Lua morena lua! Olha o que esses caras falam quando tão apaixonados. *(ri)*

MARCOS *(cantarola)* – Pra que ficar tão sumida de mim, tão difícil assim? Gostei disso.

ROSANA *(rindo)* – Ficou lindo, André. Homem fala cada coisa quando se liga numa mina.

Outro dia um cara, com “quintas intenções”, chegou e falou assim, na maior cara dura: *(imita)* “aí, mina de ouro, você é a maior princesinha de cristal, sabia?” *(todos riem)* Homem quando começa com esses papos... Não é, Renata?

RENATA *(distante)* – É. Não sei. Como saber se o papo do cara é sincero? *(olha Mateus)*

ROSANA – A gente percebe e sente quando tem “décimas intenções” ou é sincero.

MATEUS – Eu falo o que sinto e o que sei. Não tô mais nessa de só falar de amor. Quero saber mais coisas da vida pra poder dizer mais coisas. *(pausa)* Preciso muito conversar com a banda um negócio aí que rolou ontem. Na boa, a coisa é séria.

MARCOS – É viagem é? Vamos dar um rolê pelo interior? Deve ser troço chapa quente.

MATEUS – A coisa é mais profunda e vamos ter que tomar uma decisão hoje, agora.

MARCOS – Mais profunda? Já vi que o bagulho é bom. Senti firmeza na parada.

RENATA – Conta o que rolou ontem, Mateus.

MATEUS – Vai mexer com a gente. Vou dizer sem mumunha. É o seguinte: ontem ligou uma produtora da MBTV que quer conhecer a banda e vai pintar hoje no ensaio.

ROSANA *(vibra)* – O que? Eu não acredito! Hoje? Então a gente tem que dar uma geral...

MARCOS – Vai rolar um *clipe*? Vamos arrumar essa zona e deixar tudo em cima.

RENATA – É mesmo, Mateus, que bagunça! Ela vem gravar ou é só um papo.

MATEUS – Só conversar. Coloca os livros em algum lugar e pronto. Só tem instrumentos e se ela quiser a gente tira um som na hora. *(arrumam os livros numa mesa)*

ROSANA – Que “responça” a nossa! MBTV!

MATEUS – É maior “resposta”, mas prestem atenção numa coisa. *(todos ficam atentos)*

Não é porque é a MBTV que vamos mudar o nosso jeito. Quero que ela conheça a gente como a gente é. Não tô nem aí se o quarto tá legal. O que interessa é o nosso som e o que falamos com ele.. Ela só vai ver um ensaio nosso e pronto.

RENATA - Tá certo. Ela falou mais alguma coisa.

MATEUS – Disse que queria ouvir a banda ao vivo. Falou que um cara gostou do som e indicou a gente. Só tem *show* pra daqui duas semanas na Mooca e ela topou conhecer a banda aqui em casa às cinco. Tem um monte de coisas da banda que a gente precisa conversar antes dela chegar. Não podemos virar uma bandinha de garotos e garotas bonitas, pra vender refrigerante, chiclete ou sanduíche. E sem essa de fazer letrinha de amor babaca pra entrar em trilha de novela. Tô fora!

MARCOS – Qual é, mano? Qual a sua treta de não querer faturar com o nosso som? Ô Mateus, não leva a mal não, truta, mas o meu irmãozinho tá querendo dizer que não quer fazer sucesso? Não quer ver a sua música bombando nas paradas?

MATEUS – Não é isso. Não podemos ser mais uma bandinha que passa e não deixa rastro algum. Vamos marcar presença, ser diferente, provocar e ficar na cabeça das pessoas. E se ela rotular a gente como *boy band* que faz baladinha romântica? Por isso não quero mais fazer letra de amor.

ANDRÉ – Não entendi esse negócio de não querer mais falar de amor.

ROSANA – Também não. Você não diz na letra aí, como é? *(cantarola)* “Se falo de amor a qualquer hora até ficar rouco, de noite ou de dia eu falo sempre o que penso”.

MATEUS – Não é isso, Rosana. Essa música saiu de repente. Quero falar de outras coisas que penso. E não quero falar só de mim, mas falar de todo mundo, pra todo mundo. Preciso aprender outras coisas pra falar. *(olha Renata)* O mundo é só amor? A gente nasce, vive e morre só por causa do amor? A vida é feita só de saudade de alguém que se foi ou da espera de alguém que vai chegar, de um amor que sempre há de vir? Música pra mim é muito mais que isso.



ROSANA – Mas a gente não é fruto de um ato de amor?

MATEUS – Não sei se é piração minha, mas acho que não tem mais amor no mundo.

ANDRÉ – Como é que pode falar isso e fazer uma letra daquelas?

ROSANA – Então, se o amor morreu, porque o coração da gente bate forte e sente um troço quando vê alguém? *(pausa; todos se olham)*

MATEUS – Não disse que o amor morreu. Olha, vou mostrar uma coisa bem simples. Vejam bem essa transa. *(abre a janela e começa a “sinfonia urbana” EM OBRAS; grita)* Como pode ter amor no caos? Olhem isso! *(vão à janela)* Como ter amor nessa selva de pedra e cimento? *(a música cresce; todos sentam; fecha a janela bruscamente e a música some; silêncio)* Como tocar os corações e as mentes das pessoas com outra coisa que não seja uma historinha particular de amor? Pode até ser que o amor não morreu... Mas se não morreu, o amor está perdido...

MARCOS – Que outra coisa toca as pessoas? Diz aí, o que? Como assim, perdido?

ROSANA – Mas a historinha de amor particular aí que você falou é o que interessa.

ANDRÉ – As pessoas querem ouvir uma coisa que elas se vejam naquilo.

RENATA – Eu entendi o que o Mateus quer dizer. Falar de amor todo mundo fala. Do que a gente quer falar e ninguém fala? Dizer coisas diferentes.

MATEUS – Do que a gente quer falar? Como falar? As pessoas querem ouvir outras coisas. Tão vendo a podridão da política, a miséria... E a gente falando de saudade e flor e rimando amor com dor?

ROSANA – Já vi que as idéias do professor de Filosofia e Sociologia fizeram a sua cabeça. O cara dizia, com aquele seu “olhar sociológico”, que a gente era de uma geração perdida, sem causa, sem ideal, sem nada. Que só quer consumir...

MATEUS – “Geração vidiota”! Totalmente idiotizada pela TV. O “vidiota”, às vezes ele escrevia como “videota”, é o babaca que acha que a vida se resume num comercial de trinta segundos ou numa frase curta de efeito. É o imbecil que só acredita no que passa na TV e copia todos os *slogans*. Nisso o professor tem razão. O que a

nossa geração é? (*exaltado*) Um bando de “vidiotas” e eu digo mais, uma “geração vidiota” e “vira-lata”, que aceita com o rabo entre as pernas o que vem de fora. Somos uns imbecis vira-latas “vidiotas”, isso sim, sem causa nenhuma pra defender. A gente tem que colocar o nosso ideal na nossa música.

ANDRÉ – E quando dizia que a gente tinha que aprender a pensar com as duas cabeças, a de cima e a de baixo? (*riem; imita*) “Como seres pensantes, vocês devem dar um tempo com a cabeça de baixo e pensar também com a cabeça de cima”. (*riem*)

MATEUS – Eu fiz uma música com isso. (*canta o baião RABO DE SAIA no violão*)

Tá nos livros de Filosofia  
Que a vida não é só prazer.  
É o pensamento nosso de todo dia  
Que faz da gente um ser. (*bis; todos*)

Rabo de saia,  
Sossega o facho  
E use a cabeça de cima pra pensar,  
Que é hora da cabeça de baixo se aquietar. (*bis; todos*)  
(*todos cantam o bis e a musica pára; riem; Mateus encosta o violão*)

MARCOS (*rindo*) – A rapaziada no maior veneno, subindo nas paredes, com a cabeça de baixo a mil e ele vinha com essa de pensar com a cabeça de cima.

ANDRÉ – E quando chegava na aula com olheiras? Ele chamava a gente de “justiceiro”. (*imita*) “Ei, justiceiro, o negócio tá brabo! Fazer justiça com as próprias mãos até tarde da noite dá nisso. Vem pra aula com olheiras”. Todo mundo rachava o bico.

MARCOS (*ri*) – Ele falava um bagulho de “descabelar o palhaço”, “sair na mão”, “cinco contra um”, “descascar a mandioca”. (*todos riem*)

MATEUS (*ri*) – O cara ensinava as coisas só na brincadeira. As aulas sobre Rousseau, Nietzsche, Weber e Darcy Ribeiro abriram a minha cabeça. Tem coisas do

Nietzsche que ele dizia, “o encantamento é um dos pressupostos de toda arte” e “a vida sem a música seria um erro”. A frase que o professor dizia é a mesma que tá escrito aqui no violão. *(mostra)* Cara, depois que ouvi isso, toda vez que toco eu procuro esse tal encantamento. Tem muito mais coisas pra se dizer com a música além de amor, não acham? Há vários jeitos de tocar e encantar o coração das pessoas. A banda precisa pensar nisso: “a vida sem a música seria um erro”.

ROSANA – Isso é verdade mesmo. Como é que seria o mundo sem som, sem música?

MARCOS – Não dá nem pra imaginar isso, maninha.

ANDRÉ – O que interessa pra banda é a música, Mateus. Todo mundo concorda nisso.

MARCOS – É isso aí. Sabe qual é? A gente tem que se unir nos “procedimentos” e fazer um som pra detonar geral. *(animado)* ÉÉÉ! O som tem que “bombar” na pista! O “couro vai comer”! *(pega o berimbau e toca BERIMBAU BLUES, blues instrumental; os outros o acompanham com guitarra e gaita; fala na pulsação do blues)* Quero ver todo mundo vibrar! A gente tem que acontecer! Todo mundo nasce pra brilhar, ninguém nasce pra sofrer. *(fecha a música)* Que loucura blues com berimbau! A banda devia se chamar *Berimbau blues!* Tem a ver com o som da gente, mano.

MATEUS *(rindo)* – Também acho. Esse é o nosso som. Não vamos dar mole e ceder em nada pra produtora. Se vier com papo de fabricar e rotular a gente como fazem com as bandas por aí, com baladinha e rock copiado, pode cair fora. Então, tá combinado, a gente não ensaia ainda e espera a produtora batendo um papo. *(agitado)* Não vamos ser o que querem que a gente seja. Pro escambau com a MBTV se a produtora vier com esse papo. Tem que aceitar o nosso som. Tá na hora de cada um pensar no que quer dizer. *(pausa)* Aqui na banda mesmo, vocês não tão vivendo a maior pressão e querem cantar e falar outras coisas? *(olha Renata)* E você, Renata, já resolveu o negócio do vestibular com seu pai?

RENATA – Já conversei. Tá decidido. Eu não quero e não vou fazer Medicina.

MATEUS – Pensa direito que é sério. Tão vendo aí? Olha a pressão na cabeça de uma garota de dezessete anos que é obrigada a decidir uma coisa pra sua vida inteira.

RENATA – Eu sei que é sério. A Medicina é um desejo do meu pai. Você sabe, não é Mateus? Família de médicos e eu no meio dessa confusão. (*suspira*) Que barra!

ANDRÉ – Tem que ver o que você quer. Não adiante fazer Medicina na marra e na pressão e no final descobrir que não tem nada a ver contigo.

MATEUS – Tem pais que não percebem que ninguém tem a obrigação de saber o que quer ser na vida com dezessete ou dezoito anos e aí fazem a maior pressão.

ANDRÉ – *Na Pressão*. Tai um outro nome pra banda que tem a ver com a gente. É a nossa cara. (*pausa*) Desde moleque eu já sabia que queria ser músico.

MATEUS – Mas seus pais são diferentes. São de teatro e você cresceu nas coxias.

ANDRÉ – É, mas os meus pais dizem que ser artista no Brasil não é fácil. Tem que ralar muito, correr atrás de grana pra pagar as contas. No tempo deles, as coisas não eram tão caras e dava até pra fazer temporadas longas. Quem consegue hoje fazer uma temporada de quatro meses num teatro, com casa cheia de quinta a domingo?

ROSANA – A gente não tem a obrigação de saber o que quer ser na vida com essa idade.

RENATA – Não dá pra agüentar tanta pressão com essa obrigação de fazer vestibular.

ANDRÉ – Tem que dar um tempo pra pessoa perceber o que quer seguir na vida.

ROSANA – Desde pequena na escola, acabei o colegial e já vou encarar o vestibular?

RENATA – O nosso terceiro ano foi praticamente preparatório pro vestibular. Queria um tempo pra pensar, pra descobrir as coisas sem essa baita pressão dos meus pais.

ANDRÉ – Do que adianta estudar tanto e não ter tempo pra descobrir o que fazer com o conhecimento e que caminho seguir? Diz o que eu faço com a tabela periódica?

ROSANA – E as equações do 2º grau? E os nuclídeos radioativos e seus compostos?

MARCOS – E a função antitrigonométrica? E a função co-tangente hiperbólica?

ANDRÉ – E as propriedades físicas, óticas e elétricas dos colóides? E a prófase, a metáfase, a anáfase e a telófase? E as paredes celulares pectocelulósicas? (*riem*)

MATEUS – Aí é que entra o professor de Filosofia na nossa vida e a gente não esquece, porque ensinou a pensar, a argumentar, a não ver as coisas pela aparência, a ser inquieto, ousado e curioso. O grande livro do mundo tá pra gente ver e viver.

MARCOS – Não me vejo fazendo outra coisa que não seja percussão. Desde moleque já batucava em tudo na rua lá no Brás. Ser *office-boy*? Tô fora. A coisa tá braba lá em casa, mas confio no meu taco. Tem que gostar do troço pra segurar a onda. Meu pai fala pra cuidar da cabeça e a neura dele é eu me envolver com coisa errada.

MATEUS – Que coisa errada?

MARCOS – Droga, por exemplo. Pro coroa, músico é tudo doidão, fuma maconha e cheira pó o dia inteiro. Vê os caras na TV com brinco, cara de doidão e aí o velho acha que músico é tudo bicha ou viciado. Quando viu no meu quarto a foto do Bob Marley com um baseado na boca, quase teve um troço. Foi o maior sufoco pra explicar que não era nada daquilo, que era da música do cara que eu gostava. Minha mãe revistou a casa inteira e jurei que tava limpo com essa onda de droga.

ROSANA – Lá em casa a encanação também é com as drogas. Minha mãe sempre fala do Cazuzza, que morreu novinho. Ela diz que caras como o Cazuzza, o Jim Morrison, o Renato Russo, o Jimi Hendrix, a Janis Joplin, o Kurt Cobain, a Cássia Eller, todos esses que morreram cedo, são exemplos de vida que não podem ser seguidos.

RENATA – O mais importante é a obra que o cara deixou, isso sim. Por que a gente quando ouve a Cássia ou canta as músicas do Cazuzza elas tocam fundo na gente?

ANDRÉ - A obra do cara tá viva. Morre o artista, mas o que ele fez fica pra sempre.

MATEUS – Esse papo de paraíso artificial, de ficar louco pra compor eu tô fora. A gente já tem uma luz e não precisa de nada pra brilhar. A arte mesmo já não é uma droga?

RENATA – É isso que sinto quando canto. Como se fosse um vinho, uma droga. Sei lá. Parece que entro em outro mundo. *(pausa)* Não sei se consigo viver sem isso. Cantar é como uma necessidade pra mim.

ROSANA – Mas porque você não quer fazer Medicina, Renata?

RENATA – Até poderia fazer Medicina. (*feliz*) A minha é cantar. Sinto uma alegria quando venho ensaiar. É a coisa mais maravilhosa que eu faço na vida. E o nosso primeiro ensaio? O Mateus já era formado e chamou a gente do segundo ano pra banda. Desde o primeiro ensaio, quando canto, sinto o encantamento que o Mateus falou.

MATEUS – Aquele dia no clube em Santana você parecia uma diva no palco.

MARCOS – Uma estrela. E os caras babando na primeira fila.

ROSANA (*sorri*) – Que coisa boa te ouvir falar do seu dom de cantar. Vou entrar de cabeça na música e mesmo que falem de drogas, meus pais já aceitaram a idéia.

RENATA – Pai e mãe sempre acham que os filhos vão passar fome ou estão morrendo de fome. Meu pai diz que músico vive sem grana, na maior barra pesada e não tem garantia de nada na vida. Meu pai diz que músico não é profissão, é *hobby*.

ANDRÉ – É que ele não sabe o trabalho que é ensaiar todo dia.

MATEUS – Compor, estudar, encontrar a palavra certa, o ritmo, a harmonia...

ROSANA – Eu acredito nesse negócio de dom pras coisas. Eu não me imagino atendendo um paciente num consultório com divã e tudo. Não tenho dom pra isso.

RENATA – Nem eu me vejo fazendo uma cirurgia.

MATEUS – A gente pode até nascer com um dom, uma virtude pra fazer alguma coisa, mas não adianta nascer com um dom e não fazer nada pra desenvolver esse dom.

ANDRÉ – O dom pode estar numa coisa simples que a gente nem percebe. Eu descobri que queria ser artista quando via meus pais fazendo personagens nas peças. Achava incrível aquilo de eles serem quem quisessem. Meu pai diz que o ator tem várias almas dentro dele e o que ele faz é dar vida a essas almas no palco. Que incrível isso! O Marcos não descobriu que seria baterista batucando nas coisas?

ROSANA – Eu descobri que a música era o que eu queria fazer na vida quando ouvi um disco do *Pink Floyd* do meu irmão, o preto com o triângulo na capa.

ANDRÉ – *The dark side of the moon*. O disco inteiro é uma viagem.

ROSANA – Isso mesmo. Cara, que loucura aquilo, aqueles sons diferentes. Uma viagem.

RENATA – E eu quando vi a reprise de um programa antigo da TV, em preto e branco, da Elis Regina cantando *Águas de Março*. Acho que o nome do programa era *Ensaio*, na TV Cultura. *(a luz cai no palco; desce uma tela branca na frente da janela no fundo, onde são projetadas as imagens reais do referido programa com Elis Regina cantando Águas de Março)* A energia daquela mulher, aquele sorriso ao cantar. Foi ali, eu tinha uns dez anos, que pensei que era aquilo que eu queria fazer na vida, cantar. Ela foi minha inspiração, mas daí a cantar igual a ela, ainda preciso de muito chão. *(as imagens somem e a luz volta no palco; muda de tom)* Como é que a gente vive e sobrevive fazendo o que gosta? Sem grana não dá pra fazer nada.

MARCOS – Depende muito esse bagulho aí, Renata, de viver sem grana e coisa e tal.

ANDRÉ – Depende do quê, cara?

MARCOS – Do cara ir pras cabeças com o seu som, por exemplo. Colocar a sonzeira na TV pra grudar na orelha dos manos. Se todo mundo compra o som, a gente tá feito. Quem sabe essa produtora não é a nossa oportunidade de ganhar uma grana boa?

ANDRÉ – O que você tá dizendo? Então, acha que é fácil ganhar grana assim? Vamos ver qual é a dela primeiro. A banda não pode se vender e se entregar assim não.

MARCOS – Não é se vender, mano. Não é que é fácil. O negócio é fazer música pra grudar no ouvido, isso sim. Viu o refrão do Mateus como gruda na gente? Vai que a mina da MBTV gosta e investe na parada? Pronto, taí a nossa oportunidade. *(ri)*

ROSANA – Já pensou a música tocando no rádio toda hora e passando o *clipe* na MBTV?

ANDRÉ – Não sei se é isso que o Mateus quer não.

MARCOS – Qual é a tua, André? *(irônico)* Já sei, quer fazer “biscoito fino pra massa”. *(ri)*

ANDRÉ *(exaltado)* – Não é nada disso. Só não quero fazer porcaria pra tocar no rádio um som de merda. Não é porque toca no rádio ou passa na MBTV que é bom não.

ROSANA – A gente tem que ser conhecido pra ganhar grana com música.

ANDRÉ – Mas também não pode fazer qualquer coisa.

MARCOS – Eu não disse pra fazer qualquer coisa. Eu tô dizendo que...

MATEUS (*interrompe*) – A gente precisa definir as coisas, mas não agora. Quando a produtora chegar vamos tocar igual ao que faz nos ensaios e *shows*, combinado?

MARCOS – Tá combinado. Vamos ficar numa boa e ensaiar pra ela ver.

MATEUS – Então, tudo bem. Todo mundo concorda e é isso que a gente vai fazer.

ROSANA – Já não tá na hora dela chegar? (*olha o relógio*) Caramba, já são quatro e meia. Ai, que eu sinto um calafrio na espinha. Gostei do nome *Na Pressão* pra banda, André. Tem mesmo o nosso jeito.

*Todos sentam e esperam. Começa o maxixe NA PRESSÃO, instrumental, com a orquestra. A luz vai e volta sobre o grupo sentado, como se o tempo de espera pela produtora durasse vários dias. Cada vez que a luz abre, os atores estão sentados ou deitados de forma diferente. A música, ora lenta, ora acelerada, faz a passagem para o próximo quadro.*

---

FIM DO 1º QUADRO – 2º ATO



## QUADRO 2

*Todos permanecem sentados ou deitados, como se os dias tivessem passado durante a espera. O maxixe some e a luz abre sobre o grupo espalhado pelo quarto.*

RENATA (*levanta, decidida*) – Já são cinco dias de ensaio que a gente perde esperando essa produtora. É hora de tocar o barco e deixar rolar. Desencana, Mateus. Vamos improvisar uma letra com aquele samba do André. Tô louca pra cantar um samba.

ROSANA (*levanta*) – Putz! São seis horas! A produtora vem ou não vem hoje, Mateus?

ANDRÉ (*agitado*) – Tenho uma melodia pro final daquela frase “o resto é silêncio”.

MATEUS (*pega o violão*) – O *blues* com berimbau, gaita e guitarra do Marcos merece uma letra da pesada, com pulsação de capoeira de angola. *Berimbau blues*. Gostei disso, Marcos. É a cara da banda. (*ri*) André, vai o samba, devagar. (*André toca CIÚME no teclado, Mateus, violão, Marcos, percussão, e Rosana e Renata cantam*)

RENATA (*fecha os olhos, samba e murmura, sorrindo*) – Que gostosa essa levada! (*vibra*) Essa é a minha droga! É disso que sei viver. É a comida que mata a minha fome de viver e alivia a pressão e a barra de todo dia.

ANDRÉ (*fala na pulsação do samba; rindo*) – Esse samba vai pro Mateus e o Marcos, meus irmãos de fato, pra Rosana, menina da breca e muito bacana, e pra Renata... Que pede uma rima com lua de prata e serenata. Ser Renata. (*todos riem*)

Pra que ficar tão sumida de mim,

Tão difícil assim?

Faz que não me vê na rua,

Por que me olha tão tímida?

Essa canção é sua,

A flor morena mais linda,

A lua morena lua! (*bis*)

*Toca a campainha, insistente. Mateus levanta, abre a porta e entra Marina Carlson, vestida de preto à maneira “fashion chic” da rua Oscar Freire, jeans ou minissaia, blusa ou vestido decotado, sapato, óculos e acessórios “descolados”. Todos continuam tocando.*

MARINA CARLSON (*agitada*) – *Hello, crazy people! Ah, então é você o Mateus, o líder da boy band.... Como é mesmo o nome? Ah, isso não interessa, nome a gente cria e inventa. O nome de uma banda é o conceito dela, entendeu?*

MATEUS (*sem jeito*) – *Não é uma boy band... (toca o telefone celular dela e interrompe)*

MARINA (*ao telefone; agitada*) – *Sim! (pausa) Sei. (alto) Manda editar o material com os Paralelogramos do Progresso. O quê? Não tô ouvindo nada. Dá um tempo aí! (a Mateus e aos outros que continuam tocando; alterada) Ô rapaziada! Dá pra parar o sambinha aí? (os outros param) Não me leve a mal não, mas eu estou no meio da produção do acústico dos Paralelogramos do Progresso, caramba. Com esse sambinha de boteco aí não dá pra ouvir nada! (os outros fazem muxoxos e sentam; alto, ao telefone) Continua, Rapé! (pausa) No estúdio 2. Tchau, baby!. (desliga, nervosa) Como pode um staff gigantesco e ninguém resolve nada nessa MBTV.. (alto) Ô Music Brazil Television! Ô emebêtevê Brasil! Põe essa droga pra funcionar!*

MATEUS – *Não deve ser fácil a...*

MARINA (*interrompe*) – *Olha, baby, eu não posso perder tempo e vou logo dizer uma coisa. Sambinha não dá. Música de garota, mar, lua, onda, só surf music, sacou? Sambinha? (histérica) No, baby! Já pensou isso na programação do verão MBTV? (cantarola, irônica, alterando a letra do samba) “Pra que ficar tão sumida assim. Tão difícil de vim... Dim dim... Faz que não me vê na tua. Me olha tão fingida. Esse refrão tá na rua, meu amor, minha flor, minha morena linda. Minha lua morena nua’ (muda de tom) Stop, my friends! Paciência! Pagodinho “mela cueca” não, baby.*

ANDRÉ (*alterado*) – *Ei, qual é a tua?*

MARCOS (*nervoso*) – *Não pode dizer isso da música do cara...*

ROSANA (*interrompe*) – *Sossega aí, gente, vamos com calma.*

RENATA – Ei, Mateus, o que é que tá rolando?

MATEUS – É o seguinte: ela é a produtora da MBTV que falei.

MARINA (*acena a todos*) – Prazer, Marina Carlson Picardelli, produtora da MBTV. Eu fiquei sabendo de um produtor de *cast* pra publicidade que vocês são talentosos, bonitos e coisa e tal. Disse que a banda tem “*video-appeal*”, imagem boa pra telinha. Vim conferir se o produto é bom, pra avaliar as possibilidades de investir na imagem de vocês pro mercado fonográfico, publicitário e televisivo. O que acham?

ROSANA (*empolgada*) – Acho que vai ser uma boa, né? Caramba, que loucura!

MARCOS (*eufórico*) – Todo mundo vai ver a gente detonando geral na MBTV!

MARINA – Gostei da atitude. Assim numa primeira vista, vejo que são garotos e garotas bonitas, mas precisam de um banho de loja pra realçar mais a beleza. Na TV digital aparece tudo. Com uma ida ao *shopping* e uma outra ida urgentíssima ao cabeleireiro e ao esteticista pra dar um trato no visual, vamos fazer um *look* moderno e irreverente. Depois, uma agenda de *shows* e de aparições em festinhas pra marcar presença. Se tem alguém que gosta de saia justa em festa, tudo bem, pra uma banda de *rock*, sair nas revistas de fofocas por causa de uma briga ou de uma bebedeira, dá o maior cartaz e ajuda a vender disco. Vocês não têm idéia.

MATEUS – Você falou banda de *rock*?

MARINA – Vocês não são... (*toca o celular, interrompe; alto*) O quê? (*pausa*) No programa do Paulo Bianchi e do Marco Bonfá tem camisa de futebol. Pega lá e pronto! (*desliga o celular*) Que aporrinhação essa MBTV. (*alto*) Ô emebêtevê! Aí ninguém funciona? Põe essa merda pra rodar! (*muda de tom*) É *rock*, não é?

MATEUS – A gente toca de tudo, inclusive *rock*, mas não somos uma banda só de *rock*...

MARINA (*interrompe*) – São ecléticos então? Tocam *rock*, mas não são uma banda de *rock*, então, o que são? Não entendo a cabeça dessa rapaziada que não consegue entender a cena do mercado musical. Uma banda ou toca uma coisa ou toca outra.

MATEUS – Você diz que.... (*toca o celular e interrompe; todos ficam impacientes*)

MARINA (*ao celular, alto*) – Sim! Marina Carlson Picardelli. (*pausa*) O *manager* do *rapper* ligou de Nova Iorque? Sei. (*pausa*) Sessenta mulatas de primeira pra gravar um *clipe* no Parque Lage no Rio? (*pausa*) Bateria de escola de samba também? Tudo bem. Legal. (*desliga*) Além de ser da MBTV, tenho uma produtora independente e faço uns bicos. Sabe como é, *baby*, tenho que comprar a minha casa em Maresias. (*eufórica*) Uns *rappers* americanos querem gravar no Brasil um *clipe* com sessenta mulatas e uma bateria de escola de samba. *Oh, my god! Shit!* Isso vai dar o maior trabalho. Lembra a zoeira do Michael Jackson com o Olodum no Pelourinho. Aquilo sim foi produção pauleira. (*muda de tom*) Então, qual é a de vocês, *baby*?

MATEUS (*nervoso*) – Não somos uma *boy band* nem uma banda de *rock* nem tocamos *surf music*. Gostamos de *blues*, de misturar capoeira, samba-de-roda, ciranda, côco, caboclinho e maracatu com guitarra pesada. Somos músicos brasileiros influenciados por Jorge Benjor, Jackson do Pandeiro, Gonzagão, Pixinguinha, o jongo da Serrinha, o samba, o cururu, a catira e o baião, e por James Brown, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, Deep Purple, rock pesado, música eletrônica e por aí vai...

RENATA (*decidida*) – Esse é o mundo do nosso som...

MARINA (*interrompe, eufórica*) – Que mundo, hein! Já bolei uma estratégia pro *marketing* da banda: garotos e garotas do Paraíso que fazem um som universal! Já pensou? Vocês querem concorrer ao *Grammy* como *world music* ou *rock'n'roll latino*?

MATEUS – Olha, Marina, aí é que tá a questão.

MARINA – Que questão?

ROSANA – É, Mateus, que questão?

MARCOS – E aí, mano, qual é a questão?

ANDRÉ – Acho bom explicar e esclarecer tudo, Mateus.

RENATA – Esclarecer o quê? Eu entendi qual é a questão do Mateus.

MARINA – Então diz logo, *baby*. Já temos um esquema montado pra bandas como a de vocês. Só precisam de um empurrãozinho pra estourar.

ROSANA – Vamos nessa, Mateus, é a nossa chance. É a MBTV, cara!

MARCOS – É isso aí, truta, oportunidade como essa não vem toda hora.

MATEUS – Então, é o seguinte... *(toca o celular de Marina e interrompe)*

MARINA *(alto)* – Sim! *(pausa)* Sei. Gravar uma imagem com a banda tocando? *(pausa)*

Sério? Pro programa das bandas novas? *(pausa)* Coletânea? *(pausa)* Sei. Manda o Japa com a câmera! Não demora. *(pausa)* Pego o Caetano em Congonhas e levo pro hotel na Paulista! *(pausa)* Manda o carro! *(desliga)* Vocês tão com uma baita sorte. A auxiliar de produção foi no colégio que vocês tocaram e achou uma gravação da banda. O diretor de estúdio gostou e quer gravar uma música pra entrar no CD da coletânea de bandas novas.

ROSANA *(eufórica)* – Um CD? Nossa primeira gravação! *(gargalha)*

MARCOS *(atônito)* – Que loucura! Uma coletânea! *(ri alto)*

ANDRÉ – Não acredito nisso!

RENATA – Caramba!

MATEUS – Dá um tempo aí, gente. É muita coisa num dia só.

MARINA – Vai se acostumando com a agitação e a pressão. É o *show business, baby*. Se o produtor de *cast* e o Juca do estúdio gostaram, o negócio promete. Tenho estrada na produção e se vim aqui pessoalmente é porque o babado tem mel.

RENATA *(interrompe)* – A gente não precisa decidir assim, agora, precisa? Na pressão?

MARINA *(alterada)* – Ah, precisa sim, *my darling*. Tem que ser agora. O Japa já vem gravar. Pode até fazer *playback* que depois o Juca dá um jeito no estúdio. Vocês fazem umas caras de garotos maus e sedutores e as meninas fazem o estilo roqueiras descoladas, sedutoras e independentes. O visual da banda é o mais importante de tudo e a imagem de vocês é linda mesmo. Não são *fakes* e têm um puta apelo visual! Que beleza a banda. Tem “*video-appeal*” de verdade.

MATEUS *(irritado)* – *Playback*? Olha, Marina, acho que isso já passou dos limites. Nem sentamos ou paramos pra decidir e você já tá produzindo tudo. Calma aí. Não

somos uma *boy band* e não queremos ser a aparência de nada. Nós tocamos desde moleques, sempre ao vivo, somos assim e assim queremos ser.

RENATA – Não aceitamos essa coisa de “a aparência de uma banda é tudo...”

MARINA – Opa! *Take it easy, my sister!* É você, o Mateus ou é o grupo que decide aqui?

RENATA (*irritada*) – Não, Marina, aqui ninguém manda. A banda toca junto por prazer e não quer ser como você quer. Mais uma bandinha fabricada fazendo música medíocre pra agradar o público e vender produtos. (*alterada*) Não sei o que vocês acham, mas eu peço um tempo pra gente conversar e chegar a alguma conclusão entre nós. Eu fiquei perdida e não tenho condições de decidir nada na pressão.

MATEUS – Tem razão. Tá acontecendo tudo ao mesmo tempo, a gente se perdeu e precisa de um tempo pra conversar. Vamos ter uns vinte minutos de papo, o tempo para o tal do Japa chegar. Se você quiser, Marina, dá um tempo na sala e...

MARINA (*interrompe*) – Tem *whisky* aí? Ah, vocês ainda são menores. Posso dar uns telefonemas? Em vinte minutos vocês conversam e eu resolvo tudo. O Japa já deve chegar. (*saindo*) Agorinha mesmo a gente ouve o som da banda. *Bye, baby!*

MATEUS – Não tem bebida. Tô sozinho em casa. Tá a maior zoeira o apê. Já te chamo.

ROSANA – Caramba, que decisão! Quer saber? Não vejo problema em mexer no visual.

MARCOS – Não entendi a tal da questão que você, Mateus, e a Renata, tão falando. Qual é a de vocês. Tão com medo do sucesso? É um CD produzido pela MBTV, meu!

ANDRÉ – Não tem nada a ver isso de ter medo do sucesso. O Mateus tá encanado com a história de fabricar uma banda de “boutique”, tipo “punk de boutique” ou *heavy metal* ou aquelas *boys bands* com garotos dançando uma coreografia ridícula. Não vamos entrar nessa que é furada. Pensem nisso aí direitinho, Marcos e Rosana.

ROSANA – Não foi isso que ela disse. E o tal de “*vídeo–appeal*” que ela falou?

MARCOS – Ela quer “trabalhar a nossa imagem” e...

RENATA (*interrompe*) – Aí é que rola o problema, Marcos. “Trabalhar a nossa imagem” é fazer da gente uma banda sem conteúdo? Quantas bandas não têm por aí assim?

MATEUS – Eu disse que hoje ia acontecer uma coisa que poderia mudar o rumo da banda. Sabia que ia dar essa zoeira na nossa cabeça. O que pode acontecer? Caímos no mundo das aparências do *show business*, na roda viva da indústria cultural fazendo a nossa arte pra poucos e ganhando muita grana? Ou... *(pausa; todos se olham e sorriem; começa o samba-de-roda DECISÃO e todos cantam e batem palmas)*

O que fazer na hora da decisão?  
Quando a gente não sabe se age  
Com a cabeça ou com o coração? *(bis)*

Ser o que eu quero ser  
Ou ser o que o outro quer que eu seja?  
Qual o caminho, o atalho? Como posso saber?  
Pra não entregar a alma ao diabo na bandeja? *(bis)*

*A música tem 3 variações no ritmo e no modo de cantar, de samba-de-roda muda para samba-rock e, por último, para rock pesado progressivo, heavy metal, com a orquestra e guitarras pesadas. Quando é tocada e cantada como rock pesado, Marina entra.*

MARINA *(aplaude)* – Que *performance* da pesada! *(a música pára; ri)* Quando ouvi vocês cantando e batucando pensei que tava baixando algum santo.. Essas guitarras e a pulsação pesada são de arrepiar. *(aflita)* Ai, o Japa devia ter gravado isso, *baby*.

MATEUS – Esse é o nosso som, Marina. Nós... *(toca o celular dela e interrompe)*

MARINA *(alto)* – Sim! *(pausa)* O quê? *(pausa)* Não acredito. Só amanhã? *(pausa)* O Japa teve que ir pro *show* do *Skankara*? *(pausa)* Sei. E agora? *(pausa; irritada)* Isso não é problema meu. A *boy band* é da pesada e a gente vai perder a chance de gravar os caras? *(pausa)* Amanhã é amanhã, *baby*. Quem vem me pegar? *(pausa; alto)* Quer saber? *Let it be!* Ô MBTV! Põe essa merda pra funcionar! *(desliga; nervosa)*

Que bagunça a televisão musical brasileira. Num país cheio de talento, a gente perde tempo e dinheiro com coisinhas bestas. *(recompõe-se)* O Japa só pode gravar amanhã. O som de vocês é demais e eu quero produzir..

MATEUS *(interrompe)* – Olha, Marina, tudo bem. Vamos fazer o seguinte. O cara não veio, então, você me liga amanhã e eu te falo o que a banda decidiu. Tudo bem?

ROSANA – Amanhã sem falta o Mateus te diz alguma coisa.

MARCOS – Quer dizer que gostou mesmo do nosso som ou é embromação?

MARINA *(com ênfase)* – O som de vocês tem fúria. *(delira)* Cavalos de força dão vida à máquina do *rock'n'roll!* O ritmo esfuziante da terra lubrifica as engrenagens enferrujadas do *heavy metal!* Serafins do Paraíso põem fogo no *rock'n'roll!* Jeff Beck, Eric Clapton, Keith Richard e Jimmy Page põem suas guitarras aos pés dos incendiários do Paraíso! *(pausa)* Chega. Acabou o estoque de manchetes.

MATEUS – Não exagera, Marina. Não te mostramos nada, foi só uma coisa de impulso, improvisada, feita no exato momento da decisão que a gente tinha que tomar.

MARINA – É isso que interessa numa banda de *rock'n'roll!* Estilo, atitude e... *(toca o celular; os outros se incomodam)* Sim! Vou descer. *(desliga)* O motorista chegou. Tenho que fazer a planilha pro festival de música eletrônica. Um DJ inglês quer 250 garrafas de água pro *show* de três horas. Vou nessa, *baby.* *(abraça Mateus)* É isso aí, garoto. Sinto que tô abraçando um futuro astro do *rock* brasileiro. Nunca me engano, viu? Falo contigo amanhã. Um abraço pra todo mundo. *(sai, apressada)*

MATEUS – Valeu, Marina. Amanhã a gente se fala.

RENATA – Que piração essa figura, cara!

MATEUS – Coisa de louco. Adrenalina pura. Na pressão! *(todos riem)*

ROSANA – Nunca vi ninguém assim tão a mil.

ANDRÉ – Que viagem a dela de inventar aquelas manchetes e chamadas.

RENATA – E o celular? Meus Deus, que neura essa mulher!

MARCOS – Teve uma hora que eu queria pegar o celular e jogar pela janela.



MATEUS – Que loucura falar com alguém que pára a conversa pra atender o celular.

Nunca completa um assunto. Fora que você acaba se perdendo no papo.

RENATA – Eu sou até mais radical e acho que é uma falta de educação isso.

ROSANA – Eu também não suporto alguém falando comigo e mais alguém no celular.

ANDRÉ – O celular é uma praga universal que acaba com a nossa individualidade.

MARCOS – Que isso, mano? A mina precisa do celular, ela é produtora de TV e a vida dela é essa correria mesmo, depende do celular.

ROSANA – Mas ela gostou do nosso som, isso sim.

ANDRÉ – De ficar arrepiada quando ouviu a música.

RENATA – Essa música já tem nome?

MATEUS – Chama *Decisão*. Tá batizado nosso samba-de-roda, que virou *samba-rock* e no final das contas teve até umas coisas de *heavy metal*. Tudo no calor da hora.

RENATA – Gosto quando a gente canta e toca assim, no impulso da emoção.

MATEUS – É aí que essa banda é boa no que faz. Se olha e toca sem combinar nada.

ANDRÉ – Isso me lembra quando a gente brincava no quintal, lembra?

MATEUS – Foi naquele quintal do Paraíso destruído pelas máquinas que aprendi a ouvir os sons das coisas. A música nasceu ali comigo.

MARCOS (*aborrecido*) – Não entendi o que rolou. Os três fizeram de tudo pra atrapalhar.

ROSANA – Pra ser sincera, eu também não saquei. Vocês não cederam em nada.

MATEUS – Ah, então vocês queriam que cedesse e a gente virasse mais um grupinho pasteurizado, empacotado e embalado como um produto pra consumo rápido?

RENATA – Vocês se iludiram com aquelas coisas que ela falou? Não acredito!

ROSANA – Não acredita em que, Renata? Ela só falou em cuidar do nosso visual.

MARCOS – Não vi nada demais no que ela falou. Essa é a trajetória de muitas bandas.

ROSANA – Uma produtora descobre uma banda boa e investe nela. Qual o problema?

MARCOS – A banda mostra o seu trabalho, ganha a sua grana honestamente e pronto.

ANDRÉ – Honestamente, Marcos? Fazer música pra vender chiclete e refrigerante?

MATEUS *(decidido)* – Não quero falar mais nada agora. Prefiro que a gente entre numa outra onda, sem pressão. *(num sobressalto)* Tem um poema meu que tem tudo a ver com o momento. Marcos, entra com os atabaques num maracatu, bem devagar. André, Rosana, joguem uma bases, solos e distorções de guitarras em cima do que eu digo com a Renata. Lembra do poema, Renata?

RENATA – Lembro. *(emocionada)* Vamos nessa que eu preciso cantar pra não chorar.

MATEUS – Esse maracatu vai pra quem pensa que o artista é mais um produto do mercado. *(grita e gesticula)* Aqui ó! Não somos alface nem sabonete! Nem “vidiotas”! Ô MBTV! Fecha essa droga! Põe essa bosta pra funcionar! *(todos riem)*

*Começa o maracatu INVASÃO, lento, com guitarras pesadas, tocado também pela orquestra. A luz abre sobre Mateus e Renata e as suas falas são quase cantos, ritmadas.*

MATEUS *(na pulsação da música)* – Saiam pra lá, exterminadores do futuro! Cadê o homem? Cadê o mundo? Foi um sonho? *(alto)* Cadê o quintal que tava aqui? *(acento musical)* Espíritos dos exterminadores do passado, do presente e do futuro!

*(canta)* – Oxalá todas as pragas e doenças do mundo

Acabem com os invasores e os exterminadores do futuro! *(bis; todos)*

Que os rios sequem sem vida,

Acabe toda a comida,

Se derrubem todos os muros

E os esgotos invadam as avenidas. *(bis; todos)*

RENATA *(canta)* – Que sejam destruídas as armas de guerra

E as sementes envenenadas,

Ninguém é dono da terra,

A vida não é um mercado,

A montanha não tem preço

Nem o rio pode ser desviado. *(bis; todos)*

*(fala)* – Quando chegaram, eu acreditei em vocês e me corromperam. Ganhei espelhos, painéis, anéis e te ofereci frutos, rios, praias, florestas e quintais. *(acento musical)*

MATEUS – Que te devorem as pulgas, os sapos, os escorpiões, as baratas e os morcegos! Vocês reinam na minha terra e eu sou escravo em meu país?

RENATA – Oxalá a peste te mate! Toupeira vil e desengonçada, saco de maldades!

MATEUS – Vou enterrar um prego nas suas ventas, intelectual embusteiro, instruído no penico. Que o diabo te coma os olhos, vendilhões de almas, exploradores miseráveis, malditas seivas e raízes do mal. Abraço de tamanduá, piolho imberbe, biltre salafrário, vírus do apocalipse, pulha enciclopédico, sovaco erudito.

RENATA *(fala quase canto)* – Os políticos que misturam a vida pública e a vida privada,

Que fazem da política algo depravado,

Com maracutaias e mamatas,

Devem apanhar do povo de chibata?

Seus bens divididos, suas prisões decretadas?

Legislar em causa própria

É crime de lesa-pátria.

As utopias e os sonhos não acabaram,

Porque sequer foram vividas ou sonhadas.

MATEUS *(fala)* – Não tenham medo, povos do novo mundo, dos exterminadores do futuro, dos senhores da guerra, dos donos da terra.

*(canta)* – Podemos sonhar para que o inferno não seja aqui?

O inferno não é aqui!

Não podemos mais esperar,

Nossos olhos, corações e mentes imploram.

Não podemos mais agüentar, impávidos,

O abismo entre as nações,

O extermínio de gerações.

No gigante Brasil adormecido em berço esplêndido  
Há uma criança com fome que chora,  
Mas há também um anjo guerreiro que acorda. (*bis; todos*)

MATEUS (*ergue o violão no alto, abre os braços e grita*) – A vida sem a música seria um erro e o resto é silêncio...

*A música cresce. A luz cai em penumbra e a música pára, de forma contundente e apoteótica. Escuridão e silêncio. Cai o pano.*

---

FIM

### **NA PRESSÃO**

*Berimbau blues, a sinfonia do quintal*  
*Cadê o quintal do Paraíso que tava aqui?*

**LUIS CARLOS RIBEIRO DOS SANTOS**

(dito Luiz Carlos Laranjeiras)

[santosreis@ig.com.br](mailto:santosreis@ig.com.br) – [lcsantosreis@hotmail.com](mailto:lcsantosreis@hotmail.com)

(11) 3726 2938

Novembro – 2007